

# DIÁLOGOS DE BEM VIVER ENTRE RABEQUEIROS BRAGANTINOS: CONSTRUINDO INSTRUMENTOS E LAÇOS DE AMIZADE

Ozian de Sousa Saraiva<sup>1</sup>

**Resumo:** Este trabalho aborda o Bem Viver como o diálogo que se estabelece entre rabequeiros de diversas crenças religiosas. Rabequeiros são os construtores e instrumentistas de rabecas, assim chamados em Bragança – Pará, conhecida como “Pérola do Caeté”, cidade banhada pela Baía do Caeté. O instrumento musical – rabeca – ecoa na Marujada, festividade a São Benedito, o “santo preto”, ressoando também em festividades culturais e em igrejas pentecostais. As ações que envolvem a construção do instrumento não ocorrem de forma isolada e/ou individual, mas coletiva. Através dos muitos diálogos durante as ações de construção, ocorre a criação e fortalecimento de vínculos de amizade entre os colegas de profissão (construir e tocar rabeca), assim como a inclusão de novos aprendizes que desejam instruir-se no ofício. É importante enfatizar a presença de uma significativa talentosa mulher rabequeira, entre os rabequeiros de Bragança. O Bem Viver, promovido através do diálogo, rompe barreiras religiosas evidentes entre os rabequeiros, fazendo com que se unam tanto para construir rabecas como para tocar em festividades católicas, pentecostais, culturais e também em ações do dia a dia, sem qualquer tipo de formalidade. Alberto Acosta (2016) auxilia-me a ver, por meio dos diálogos entre os rabequeiros, ações fundamentais no dia a dia que se tornam exímias “oportunidades para imaginar outros mundos”, outros horizontes, apontando a rabeca como elemento-chave desse diálogo e Bem Viver.

**Palavras-chave:** Bem Viver; cultura; religião; rabeca bragantina.

## DIALOGUES OF WELL LIVING BETWEEN RABEQUEIROS BRAGANTINOS: BUILDING INSTRUMENTS AND BONDS OF FRIENDSHIP

**Abstract:** This work approaches the dialogue as well living among the rabequeiros (builders and instrumentalists) in Bragança - Pará, known as “Pérola do Caeté”, a city bathed by Caeté Bay. The musical instrument - rabeca - echoes in the Marujada - festivity to St. Benedict, the “black saint”; resonating in cultural festivities and pentecostal churches. The actions involving the construction of the instrument do not occur in isolation and/or individually, but collectively. Through the many dialogues during the construction actions, there is the creation and strengthening of bonds of friendship between colleagues in the profession (build and touch rabeca) as well as the inclusion of new apprentices who wish to instruct themselves in the office. The well-living, promoted through dialogue, breaks down evident religious barriers among the rabequeiros, making them unite both to build rabecas and to touch catholic, Pentecostal, cultural and also in day-to-day actions, without any kind of formality. Alberto Costa, 2016, helps me to see through the dialogues between the rabequeiros, fundamental actions in the day to day that become excellent “opportunities to imagine other worlds”, other horizons, pointing to the rabeca as a key element of this dialogue and well living.

**Keywords:** Well Live; culture; religion; rabeca bragantina.

---

<sup>1</sup> Mestre em Ciências da Religião pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade do Estado do Pará (PPGCR/UEPA); doutorando em Sociologia e Antropologia pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia da Universidade Federal do Pará (PPGSA/UFPA). Professor efetivo do campo Teoria I no Instituto Estadual Carlos Gomes. E-mail: [ozian.saraiva@gmail.com](mailto:ozian.saraiva@gmail.com).

## DIÁLOGOS DE BUEN VIVIR ENTRE RABEQUEIROS BRAGANTINOS: CONSTRUYENDO INSTRUMENTOS Y LAZOS DE AMISTAD

**Resumen:** Este trabajo aborda el diálogo como acontece el buen vivir entre los rabequeiros, (constructores e instrumentistas) en Bragança – Pará, ciudad conocida como “Perla de Caeté” por ser bañada por la Bahía de Caete. El instrumento musical (rabeça) ecoa en la Marujada (festividad a San Benedito, el “santo negro”) y resuena en las festividades culturales y en celebraciones de iglesias pentecostales de la region. Las acciones que envuelven la construcción de los instrumentos no ocurren de forma aislada y /o individual, sino colectiva. A través de los muchos diálogos durante las acciones de construcción, ocurre la creación y fortalecimiento de los vínculos de amistad entre los colegas de profesión, (construir y tocar rabeça) así como la inclusión de nuevos aprendices que desean instruirse en el oficio. El buen vivir, es promovido a través del diálogo, rompiendo barreras religiosas, haciendo que se unan tanto para construir rabeças como para tocar en festividades católicas pentecostales, culturales y también en acciones de día a día, sin ningún tipo de formalidad. Alberto Costa, 2016, me auxilia al ver por medio de los diálogos entre rabequeiros, acciones fundamentales en el día a día que se torna eximias “oportunidades para imaginar otros mundos”, otros horizontes, apostando a la rabeça como elemento clave de ese diálogo y buen vivir.

**Palabras Claves:** Buen Vivir; cultura; religion; rabeça bragantina.

### PRELÚDIO BRAGANTINO

Diálogos e aproximações intencionais estão presentes em diversas atividades coletivas. Pessoas motivadas por ações em comum, ainda que alguns objetivos sejam divergentes, se reúnem em prol de algo maior. Neste artigo, discorro sobre o Bem Viver como diálogo estabelecido pela arte da construção e do tocar rabeça, instrumento musical considerado o precursor do violino.

Convido você a conhecer ações de Bem Viver através dessa arte praticada na região amazônica, no nordeste paraense, no município de Bragança localizado na Costa Atlântica a uma distância de 195 km de Belém – Pará. Cidade conhecida como “Pérola do Caeté”, por ter sua orla banhada pelo Rio Caeté. Bragança contempla outros municípios limítrofes como Tracuateua, Santa Luzia do Pará, Capanema, Viseu e Augusto Corrêa, assim como alguns distritos: Almoço, Mirasselas, Caratateua, Nova Mocajuba, Tijoca e Piabas (ANUÁRIO DO PARÁ, 2019, p.72). Os acessos para chegar à Bragança são: a) saída de Belém pela BR 316/010, seguindo pela BR 308 após Capanema, ou b) utilizar as PA’s 108 / 112 / 450 ou ainda, c) PA 458 vindo de outras localidades.

O comércio e o turismo são as atividades produtivas de mais destaque no município. Especificamente, destaca-se a produção de farinha, reconhecida nacionalmente por sua

qualidade, e em abril de 2022 foi elevada a Patrimônio Cultural do Estado do Pará. A “Farinha de Bragança” é comercializada na capital, Belém, nos arredores do município bragantino, assim como em diversos estados da Região Norte e Nordeste do Brasil. No tocante ao turismo, a Marujada, festa que integra as festividades ao Glorioso São Benedito, sempre no mês de dezembro, ocorre desde 1978 e atrai devotos e turistas de todas as regiões do país e do exterior, contribuindo para uma ampla lotação de hotéis e pousadas nesse período do ano.

A rabeça vigora principalmente nas festividades católicas a São Benedito, que em virtude deste instrumento musical, conta com a participação de músicos evangélicos pentecostais. Em outras palavras, a rabeça, objeto central do presente artigo, ou melhor, o diálogo que este instrumento é capaz de produzir, é algo que une extraordinariamente os referidos seguimentos do cristianismo. Os músicos evangélicos participam da festividade católica por tratar-se de evento cultural muito significativo na vida de Bragança, inclusive tombado como Patrimônio Imaterial Cultural e Artístico do Estado do Pará no ano de 2009, através da lei n. 7330 do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Bem Viver é um conceito eminentemente relacional que envolve espiritualidade, festa, amizade e, no contexto de Bragança, um encontro entre católicos e evangélicos, tudo isso promovido pela rabeça.

## INTERLÚDIO HISTÓRICO

Com a festividade a São Benedito na Marujada, três instrumentos que, historicamente, integram fielmente o evento cultural e religioso não podem estar ausentes, pois compõem os três elementos musicais básicos: *Ritmo* – o tambor (percussão); *Harmonia* – o banjo; e a *Melodia* – a rabeça.

A rabeça tem origem árabe (BARBOSA, 2013). Vinda da região mediterrânea, é precursora do violino tradicional conhecido atualmente (2022). A rabeça chega ao Brasil provavelmente no período da colonização portuguesa. Na região bragantina, é fabricada artesanalmente com uso de madeiras e plantas encontradas na própria região. Os modelos são diversos, contendo uma estrutura não padronizada, botânica (no sentido de todos os materiais utilizados na sua construção são naturais), adequável ao tempo, ou seja, acompanha o gosto e a estética das várias gerações de rabequeiros, mas sempre utilizando recursos fornecidos pela própria natureza, com uma exceção: as cordas, que são as mesmas utilizadas e comercializadas para violinos tradicionais.

Durante os mais de 200 anos de festividade a São Benedito na cidade de Bragança, muitos rabequeiros atuaram na festividade e contribuíram com a cultura local, cujos nomes estão registrados no Teatro Museu da Marujada e notados em livros (SILVA, 1997; ALIVERTI, 2011; MORAES; ALIVERTI; SILVA, 2006). Eles eram devotos de São Benedito e expressavam sua fé e devoção ao “santo preto” tocando suas rabecas. A devoção a São Benedito e à rabeca se integram na festividade que também unifica gerações: os mais velhos ensinam os mais jovens a construir e a tocar o instrumento.

Essas gerações unificadas são configuradas por gêneros, relação familiar e religião, posto que, dentre os rabequeiros, uma mulher é considerada a mais talentosa: Geisiane Santos, a única rabequeira em exercício da região, atuando desde 2014, é irmã mais nova de outro rabequeiro, Genesis Santos, que, juntamente com outros *luthiers*, atua na construção e no tocar da rabeca. Tudo isso ocorre numa festa em homenagem ao “santo preto” que evidencia um catolicismo popular ao qual se integram rabequeiros que são evangélicos pentecostais da Assembleia de Deus (AD). Essas várias integrações e diálogos dão significado ao Bem Viver no município de Bragança, enfatizando que esta é uma noção prática não fixada geográfica ou temporalmente. Seus bons princípios podem variar conforme singularidades culturais e locais. De fato, estou particularizando e revelando uma concepção específica de Bem Viver.

Com relação aos rabequeiros e ao Bem Viver que esse grupo inter-religioso encerra (abraça/alcança), é importante enfatizar a renovação de *luthiers* e músicos que houve quando, a partir de 2001, início do século XXI, um novo ciclo de rabequeiros veio a enriquecer as festividades beneditinas assim como outras festas e eventos culturais.

Esse novo ciclo não ocorreu por resultado de ações isoladas e únicas, mas em virtude de ações coletivas diversas, sejam intencionais ou não, institucionais ou simplesmente partindo de cidadãos sem vínculos institucionais. Dentre muitas ações desenvolvidas, quero trazer à memória as oficinas de capacitação promovidas pelo governo do Estado do Pará por meio do Instituto de Artes do Pará (IAP). Esta ação institucional, coletiva e intencional surgiu de movimentos e lutas anteriores, individuais e coletivas, de cidadãos, músicos e *luthiers* bragantinos. Os referidos esforços e lutas produziram frutos, como novos rabequeiros, aprendizes, novos *luthiers* e a esperança de ampliações dos trabalhos desenvolvidos de geração em geração.

Esperança e utopia são atributos do Bem Viver, assim como o são luta e conquista. Em qualquer contexto em que venha a ser construído, inclusive no de Bragança, o Bem Viver carrega esperança e utopia, buscando sempre mudanças por uma realidade melhor que, uma vez alcançada, passa a ser novamente objeto de novas esperanças e utopias. Dessa forma, o

Bem Viver não contempla uma linha de chegada, mas realizações utópicas e realistas ao mesmo tempo que implicam busca e luta.

A utopia dos rabequeiros consiste de a prática, tanto musical como de fabricação, ser reproduzida através das gerações e sempre com esse sentido integrador e dialógico que a caracteriza. Isso requer esforços direcionados, ou seja, o Bem Viver “não cai do céu”.

## **AMBIENTES RELIGIOSOS E O BEM VIVER ENTRE OS RABEQUEIROS**

Nestes novos caminhos sociais e culturais, existe outro fator importante bem presente: a religião. Parte dos novos músicos e *luthiers* rabequeiros assumem pertencimento religioso distinto ao da festividade católica: eles são evangélicos pentecostais da AD. A não homogeneidade religiosa é um processo que ocorre naturalmente, ora gerando fricções religiosas pouco sinuosas, ora contribuindo para um agrupamento heterogêneo religioso e dinâmico cultural.

Com o passar dos anos, os rabequeiros, tanto os que tocam quanto os que fabricam (*luthiers* ou mestres, como são chamados) aperfeiçoaram seus instrumentos, a qualidade timbrística, sonora, acústica, assim como a arte de tocar rabeca, fazendo com que, em média, uns 5 anos após o início desse novo ciclo, os novos rabequeiros (construtores e músicos) já atuassem em Bragança em prol da cultura local, na festividade a São Benedito.

O uso da rabeca além das festividades a São Benedito foi crescendo pouco a pouco no decorrer dos anos. Como a rabeca é fabricada artesanalmente, o processo de expandir seu uso por pessoas que a tocam está ligado diretamente com a contínua e intensa fabricação do instrumento pelos *luthiers* da região, ou seja, quando a fabricação de rabecas é pequena ou em estado de estagnação, a probabilidade de se ter, num futuro próximo, rabequeiros tocando rabecas, é mínima. É quase impossível negar a ligação intrínseca do *luthier* com o rabequeiro músico e o quanto essa conexão contribui para o crescimento e expansão do uso da rabeca em Bragança.

A intensividade no que tange à construção de rabecas em Bragança tem se mostrado muito oscilante, assim como tem sido pêndulo o número de rabequeiros na região bragantina no decorrer da história. Essa inconsistência nas fabricações e conseqüentemente na execução do instrumento, ainda é bem presente na região. Os rabequeiros lutam por intensificar as fabricações e buscam investir seus esforços em prol da rabeca, porém, ao mesmo tempo, são “obrigados” a realizar outras atividades, na tentativa de angariar recursos para o próprio sustento e de suas famílias, uma vez que ainda não é possível manter-se apenas com os recursos financeiros dessa arte de construir e de tocar rabeca.

Em meio às diversas limitações, como recursos de materiais para fabricação de instrumentos, aquisição de equipamentos específicos para as luterias, a dificuldade de comunicação que possibilita encontros entre si, o coletivo é uma questão bem presente entre os rabequeiros assim como o é para diversos grupos sociais. Mas esta última dificuldade tem sido vencida pouco a pouco através da inserção dos rabequeiros em grupos sociais com finalidade específica, como grupo de WhatsApp.

As ações que envolvem a fabricação de rabecas não ocorrem de forma isolada, individualmente. Apesar de *luthiers* terem seus trabalhos de construção assinados individualmente, o trabalho de construção em Bragança ocorre, muitas vezes, coletivamente. Nesse processo de construção coletiva estão envolvidos, frequentemente, duas a três pessoas. Já no processo de teste do instrumento após ter sido concluído, ou seja, tocar o instrumento, é possível ter mais pessoas envolvidas.

Nos procedimentos de construção e teste, ocorrem diversos diálogos que fomentam o Bem Viver entre os rabequeiros bragantinos. Estes diálogos são possíveis por meio de alguns vínculos: afetivos por amizade, familiares, ou simplesmente pelo acolhimento de novos integrantes, seja pesquisador ou aspirante interessado em aprender a tocar ou a fabricar rabecas. Assim, através dos muitos diálogos estabelecidos pelos vínculos de amizade, familiares e de acolhimento, durante as ações de construção, ocorre também o fortalecimento destes vínculos entre os colegas de profissão e a inclusão de aprendizes desejosos em novo ofício.

Os encontros ocorrem principalmente na luteria de um dos rabequeiros bragantinos, mas também em outras localidades como a Vila Fátima. São encontros bem informais e regados de um bom “bate papo” descontraído, cheio de histórias envolvendo eventos e experiências vividas por eles. Recordações são sempre um prato cheio para o fortalecimento dos laços de amizade dos que já tiveram experiências juntos, assim como uma ponte de acesso aos novos integrantes que passam a conhecer um pouco mais da cultura bragantina através de relatos e fatos dos mais experientes.

Os relatos de experiências ocorrem durante a fabricação das rabecas. Muitas vezes, é permitido que outro colega, pesquisador ou iniciante, participe desse processo ajudando, por exemplo: a lixar uma peça já “beneficiada”, enquanto os profissionais ficam responsáveis pelos acabamentos mais específicos que exigem muito mais cautela e precisão. Tudo isso se dá sob o olhar cuidadoso, sério e zeloso pela arte final por parte dos *luthiers* mais experientes, e ocorre em um ambiente leve, descontraído e cheio de risadas, regado, frequentemente, por um café com biscoitos e outros lanches, assim como, em outras oportunidades maiores, almoços na casa

de um dos rabequeiros previamente selecionado ou simplesmente sem muita formalidade de agendamento.

O Bem Viver, promovido através do diálogo em prol da fabricação e arte de tocar rabeça, tem rompido algumas barreiras, como a religiosa, descrita anteriormente, bem evidentes entre os rabequeiros, possibilitando uma visão além de si mesmo, de particularidades, gostos e costumes, além do local, expandindo por meio da união, ao lembrarmos de Alberto Costa (2016) sobre as oportunidades para imaginar outros mundos, do local ao global.

Uma das ambientações de diálogos de Bem Viver local situa-se às margens do rio Cereja, no centro da cidade, na luteria do mestre Josias Ramos. Ponto de encontros que vão além de jornadas de trabalho em prol da construção e conserto de instrumentos musicais, é também um local de realimentação, reafirmação de afetos e construção de novas amizades, ligando ou religando horizontes socioculturais, musicais e religiosos.

Os novos horizontes são diversos e alguns, por si, bem complexos, como a diversidade religiosa. Ao contabilizar pouco menos de uma dezena de rabequeiros em Bragança e arredores, constatei que a maioria é católica, três deles são evangélicos pentecostais da AD. Desses três últimos, dois já exerceram cargos de liderança na AD, e um deles permanece como líder (diácono) até os dias atuais (2022).

Dentre os processos metodológicos de aprendizagem e transmissão de conhecimentos para a fabricação das rabeças, o vínculo de amizade sempre esteve presente, norteando e sendo um elemento ativo indissociável entre os rabequeiros. Essas interações de diálogos afetivos ocorreram e ocorrem entre os aprendizes e os mestres mais antigos quando entre os próprios rabequeiros em geral, que apenas tocam e não constroem, o que não os separa das oportunidades de convivência e interação cultural por meio de encontros informais e eventos oficiais na cidade e arredores.

O mestre Josias relatou certa vez que “amava” levar as rabeças recém construídas para seu mestre, Seu Zito (*in memoriam*), fazer os devidos testes para aprovar ou não a qualidade do instrumento quanto à sonoridade e estética. Josias, em entrevista, reforça um pouco dos laços entre ele e seu mestre.

Na verdade, eu sempre testava e sempre levava para o Seu Zito testar. Eu dizia: - Seu Zito, seja sincero, se não tiver bom o som desse instrumento o senhor pode dizer porque esse aí eu descarto. Ele dizia: - Josias ficou bom o som. Toda vez eu levava. Eu acho que todos os instrumentos que eu produzi, antes dele (Seu Zito) morrer, ele testou (SARAIVA, O.S., 2019, p. 112).

Josias foi um dos que aproveitou bem o processo de aprendizagem pelos laços de amizade. Hoje transmite o que aprendeu, se não de forma similar, mas honrosa com outros que fazem parte dos vínculos afetivos (de amizade) mais próximos.

Isso tem se passado entre amigos. Por exemplo, o Seu Zé Brito é quem eu conheço que realmente começou tudo isso. Depois o seu Ari, tendo contato com ele, aprendeu com ele o instrumento rabeça. Ele dizia: “Josias, eu não preciso ganhar dinheiro com a rabeça”. Eu cheguei a conversar muito com seu Ari, que não era a renda dele, a rabeça, mas era uma coisa que ele gostava, gostava muito mesmo. Ele se identificou tanto... Ele não aprendeu a tocar realmente o instrumento, mas como ele aprendeu a fabricar... via o Seu Zé Brito que tinha uma dificuldade em repassar (transmitir o conhecimento), porque o seu Ari tinha um pouco mais de estudo, então ele conseguia passar melhor, explicar direitinho. [...] Todos os músicos e todos os artesãos que fabricavam, nenhum foi egoísta, todos queriam realmente repassar, essa questão de ensinar. Se doavam mesmo. Por exemplo, o Seu Ari dizia: “Josias, pode vir pra cá, se quiser ficar o dia todo aqui, vem, pra fabricar a rabeça, você pode vir”. Então, eles se disponibilizavam mesmo, paravam o que tinham que fazer pra nos ensinar. Dava toda uma atenção mesmo. [...] Aprendi muito com o Seu Ari (SARAIVA, O.S., 2019, p. 112, 113).

Os encontros em prol da aprendizagem, tanto para fabricar quanto para tocar a rabeça, mesmo com as organizações institucionais promovendo encontros, palestras e eventos, sempre foram alimentados pelos laços de amizade e diálogos a favor do Bem Viver. A rabeça é um elemento sociocultural que promove diálogos afetivos entre os rabequeiros construtores e músicos que a tocam. Alguns laços se assemelham a vínculos familiares. É um processo contínuo que vai se expandindo entre as várias gerações de rabequeiros bragantinos.

Um vai passando para o outro. Não tem essa questão de egoísmo. Porque existe um pouco disso também na música, tem gente que sabe aprender, mas não sabe ensinar. Gente que tem aquela facilidade de aprender, mas não tem a facilidade de ensinar, de repassar. Eu percebia que eles (mestres) tinham paciência. Eu aproveitei. Poxa... Ele dizia: “venha aqui pra casa, pra ti aprender algumas coisas diferentes”. E quando eu aprendia, levava pra eles. [...] Foi assim, um entrosamento muito bacana mesmo. Ele (Seu Ari) me adotou como filho mesmo, na casa dele. Então, ele já mandava fabricar instrumentos na casa dele, ele dizia: “Josias vou colocar meu nome, porque tu estás fazendo melhor que eu.” Aí eu dizia: Que nada Seu Ari, o senhor sempre vai ser “o fera” na rabeça. Ele dizia: “Josias, teu instrumento está bom, está aprovado. Eu ficava muito feliz com isso, porque era uma pessoa muito importante para esse reconhecimento. Ele foi o cara que me ensinou a fabricar a rabeça, então, ele dizia que assinava uma fabricação minha... Ele me incentivou muito a continuar, digamos que boa parte em eu continuar com a rabeça foi o incentivo dele (SARAIVA, O.S., 2019, p. 113).

Tais laços de amizade e familiares (como Josias descreve) são acabaram com Seu Ari e com Josias. O ciclo de transmissão de conhecimento de fabricação e de execução é contínuo em Bragança. Os rabequeiros se reúnem para construir, tocar, “jogar conversa fora”, comer junto,



dar boas risadas, dialogar e projetar expectativas sobre a expansão da rabeça em Bragança. Ocorre entre amigos (independentemente da religião que professam) e familiares (irmãos rabequeiros, por exemplo: Gênesis e Geisiane). Pesquisadores são sempre bem-vindos para dialogar em prol da cultura bragantina e, quem sabe, aprender a tocar o retumbão da Marujada.

## **POSLÚDIO**

Na prática, ações que envolvem o Bem Viver entre os rabequeiros bragantinos ocorrem como ações “contínuas” e não apenas “sazonais”. Ou seja, tanto podem ocorrer a qualquer momento do dia a dia, dentro da rotina do grupo, sem burocracia quanto ao agendamento de dia e hora do encontro, quanto podem acontecer em encontros agendados previamente, organizados com um fim específico. Para exemplificar estes dois modelos de ações (contínuas e sazonais), cito o modelo de encontro contínuo e informal no qual os rabequeiros se encontram em praça pública ou na casa de um deles para um “bate-papo”, promovendo confraternizações regadas a muita arte. Nesses encontros, não há a necessidade de uma data estabelecida em suas agendas pré-organizadas com muita antecedência, pelo contrário, podem ocorrer de acordo com o “desejo” ou o “querer” estar junto, com agendamento no mesmo dia do encontro ou poucos dias antes, na mesma semana. Outro exemplo de ações ou modelos contínuos são os encontros para tocar rabeça em eventos esporádicos tanto culturais como religiosos em suas igrejas pentecostais. Já os encontros sazonais ocorrem em prol da festa da Marujada, para a qual há datas específicas no ano. Para estes encontros, há uma organização prévia que envolve tanto ensaios semanais antes da festividade, quanto a própria arte de tocar nos dias do evento.

As ações que ocorrem em eventos sazonais e através de encontros contínuos e informais são elementos constituintes do Bem Viver para os rabequeiros. As contínuas e informais, principalmente, têm possibilitado a interação entre alguns rabequeiros mais antigos e outros(as) recém-chegados (as) à arte de tocar rabeças. Por exemplo, ações como tomar um café ou outro lanche no final da tarde ao som de rabeças, sob as sombras de mangueiras das praças, onde as artes da música e do humor regam com alegria, diante da natureza, encontros que renovam as suas forças e o Bem Viver entre eles.

Reforço, no presente trabalho, a importância dessas ações coletivas dialogais promoverem um Bem Viver social na construção de rabeças que, atualmente, são tocadas em festividades católicas, pentecostais, culturais, assim como em ações do dia a dia sem nenhuma

formalidade. Imaginar ou até mesmo desvendar e pertencer a “outros mundos” são pontos de grande relevância e de mudança dentro dos processos culturais no campo bragantino e, por consequência, da sociedade em geral a qual estão imersos. A rabeca é, sem erro de parecer exagerado, um elemento-chave essencial e primordial na promoção e propagação do diálogo e Bem Viver entre os rabequeiros bragantinos.

## REFERÊNCIAS

ACOSTA, Alberto. **O bem viver**: uma oportunidade para imaginar outros mundos. Tradução de Tadeu Breda. São Paulo: Autonomia Literária, Elefante, 2016.

ALIVERTI, Mavilda. **A rabeca na Marujada de Bragança-Pa**: o impacto de uma pesquisa institucional em uma prática musical. 2011. Tese (Doutorado em Música) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2011.

ANUÁRIO DO PARÁ 2018-2019. Jornal Diário do Pará. v.9, n.9, Belém: Jornal Diário do Pará, 2018.

BARBOSA, Virgínia. **Rabeca**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 2013.

MORAES, Maria José Pinto da Costa de; ALIVERTI, Mavilda Jorge; SILVA, Rosa Maria Mota da. **Tocando a memória**: rabeca. Belém: IAP, 2006.

SARAIVA, Ozian. **A rabeca da marujada bragantina**: ethos religioso e biocultural. 2019. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Universidade do Estado do Pará, Belém, 2019.

SILVA, Dedival Brandão da. **Os tambores da esperança**: um estudo sobre cultura, religião, simbolismo e ritual na Festa de São Benedito da cidade de Bragança. Belém: Falangola Editora, 1997.